

Discurso de Roberta Metsola, Presidente do Parlamento Europeu
Parlamento Europeu, Estrasburgo
16 de julho de 2024

Caros colegas,
Caros europeus,

É com humildade e responsabilidade que tenho a honra de aceitar a confiança que em mim haveis depositado para continuar a servir-vos na qualidade de Presidente. É meu propósito envidar esforços infatigáveis para ser merecedora da confiança depositada em mim e neste Parlamento.

Este continuará a ser o Parlamento de todas as pessoas na Europa. Juntos, cabe-nos promover uma política de esperança, cabe-nos tornar realidade o sonho que a Europa representa e cabe-nos cumprir as promessas dos nossos fundadores que ainda estão por realizar.

Volvidos dois anos e meio, continuo a acalentar a esperança de que o nosso projeto volte a ser uma fonte de convicção e de entusiasmo para os nossos cidadãos. A convicção de que podemos tornar o nosso espaço comum mais seguro, mais justo, mais equitativo e mais igualitário. A convicção de que juntos somos melhores e mais fortes. A convicção de que a nossa Europa é para todos.

A nossa Europa deve ser uma Europa que recorda, que extrai ensinamentos das dificuldades do passado e que presta homenagem a todos aqueles que lutaram por ideais que, por vezes, damos por adquiridos. A todos aqueles que foram deslocados, que desapareceram. A todos os que enfrentaram os tanques e as balas dos regimes totalitários que dominaram grande parte da Europa durante tanto tempo. A todos os que acreditaram num futuro melhor e ousaram sonhar. A nossa Europa deve ser uma Europa de que Adenauer, Mitterand, Wałęsa, Fenech Adami, Havel, Veil, Falcone e Borsellino se orgulhariam.

A nossa Europa deve honrá-los, deve honrar a nossa história comum. E não há melhor lugar do que este – Estrasburgo, a sede do Parlamento Europeu, este símbolo vivo da reconciliação, para celebrarmos o passado e construirmos o futuro.

A nossa Europa deve tornar-se numa Europa acessível a todos, que desperte em todos não apenas um sentimento de pertença, mas também de participação ativa. A polarização nas nossas sociedades endureceu a vida política, alimentando o confronto e até a violência política. As respostas fáceis que daí resultam operam uma clivagem nas nossas comunidades entre «nós» e «eles». Temos de ir além desta mentalidade de soma zero, que exclui as pessoas, que as afasta, que fomenta a raiva e o ódio, em vez de gerar esperança e convicção. Sabemos que esta política de facilidade é incapaz de oferecer soluções reais.

Este é um parlamento que defende precisamente o contrário: que quer construir e não destruir, que não receia percorrer o caminho difícil, que é capaz de encontrar e usar a sua voz em prol do bem comum, que representa o antídoto contra a autocracia, que insiste na necessidade de lutar pelo Estado de direito, que compreende que devemos efetivamente ser todos iguais na Europa. Uma igualdade que não queira uniformizar-nos, mas sim que ofereça a todos as mesmas oportunidades de realizarem o seu potencial. Uma igualdade de oportunidades que respeite as nossas diferenças e seja capaz de compreender que as nossas línguas, culturas e histórias diferentes, que fazem de nós europeus, são a nossa força.

É esta força que nos permitirá garantir que as leis que aqui aprovamos funcionem em benefício dos habitantes de todas as aldeias, vilas, cidades e ilhas da nossa União. Temos de ser a voz que garante que todas as nossas políticas funcionem bem e sejam úteis, quer para os jovens e as famílias, quer para os agricultores e a indústria.

Partilhamos a responsabilidade de deixar em legado uma Europa melhor do que aquela que encontrámos. E fá-lo-emos criando um novo quadro de segurança e defesa que vele pela proteção dos cidadãos e faça frente aos sonhos expansionistas dos ditadores na nossa vizinhança. Um quadro que vença as ameaças híbridas que ainda enfrentamos, que proteja a Europa, que defenda a nossa autonomia estratégica, que mantenha a paz, que entenda que o perigo com que nos confrontamos é muito real.

Deixaremos em legado uma Europa melhor se fizermos tudo o que estiver ao nosso alcance para reforçar a sua competitividade: aprofundando o mercado único, garantindo empregos de qualidade, celebrando acordos comerciais à escala mundial, concluindo a nossa união bancária e dos mercados de capitais e definindo metas exequíveis para a indústria. Conseguiremos, assim, manter as empresas europeias na Europa e investir nos nossos jovens, na investigação, na educação, na cultura, nas nossas comunidades e no resto do mundo graças à simplificação e à redução da burocracia e das formalidades administrativas desnecessárias que afastam do território europeu as pessoas e os empregos. Os êxitos que os nossos cidadãos mais recordam são aqueles em que a Europa lhes simplificou a vida.

Deixaremos em legado uma Europa melhor oferecendo soluções reais para o problema das alterações climáticas. A Europa orgulha-se do seu legado, e estou convicta de que podemos manter a liderança mundial e encontrar uma forma de alcançar os nossos objetivos sem deixar ninguém para trás, conciliando o desenvolvimento sustentável e a proteção do nosso ambiente e do nosso património natural. Não são ambições que se excluam mutuamente.

Deixaremos em legado uma Europa melhor se formos capazes de reforçar o pilar social: se trouxermos esperança e dignidade às pessoas, se as pensões e os salários corresponderem às expectativas sociais. Não podemos progredir se os nossos jovens não conseguirem comprar nem

mesmo arrendar uma habitação na qual se sintam em casa. A Europa vive sob a ameaça de uma crise na habitação, pelo que temos de dispor dos instrumentos que nos ajudem a resolvê-la, inclusive a nível europeu.

Deixaremos em legado uma Europa melhor se finalmente lograrmos aplicar legislação adequada em matéria de migração e asilo que integre a necessária gestão das fronteiras e uma política de regresso e que, acima de tudo, esteja centrada no ser humano. Uma legislação que garanta que mais nenhuma mãe se veja coagida a colocar o seu filho numa embarcação frágil, às mãos de redes de tráfico criminosas, e que garanta que a Europa estará à altura do legado histórico de que se orgulha.

Deixaremos em legado uma Europa melhor se conseguirmos aproveitar as oportunidades que a era digital possibilita e que a inteligência artificial oferece. Temos de permanecer na vanguarda e estar em condições de colher os benefícios e atenuar as consequências da desinformação. Temos todo o conhecimento do mundo ao nosso alcance e, no entanto, as pessoas sentem-se mais sós do que nunca. Esta realidade revela-nos o quanto a Europa deve também significar «comunidade».

Não podemos deixar em legado uma Europa melhor se, em todo o território europeu, as pessoas ainda não conseguem ser quem querem ser e amar quem querem amar; se não eliminarmos todos os obstáculos que impedem as pessoas com deficiência na nossa União de terem as mesmas oportunidades na vida que as demais; se não lograrmos combater a discriminação ou travar o crescimento do antissemitismo e da islamofobia; se o nosso debate político continuar a ser instigado, com demasiada frequência, pelo ódio e pela violência. Temos de criar uma Europa em que todos se sintam em casa, em que as raparigas como a irlandesa Coco sejam protegidas de quem as atormenta.

Não podemos deixar em legado uma Europa melhor se uma grande parte das mulheres dela se sentir excluída. Demasiadas mulheres continuam a ser vítimas de maus-tratos, de agressões e de assassínios na nossa Europa. Demasiadas mulheres ainda lutam pelos seus direitos. Demasiadas mulheres ainda recebem menos do que os homens pelo mesmo trabalho. Demasiadas mulheres ainda sentem medo. A nossa Europa tem de se tornar também a Europa delas.

Podemos edificar a Europa com que Simone Veil e Nicole Fontaine sonharam. A Europa de que Marie Skłodowska-Curie não pôde tirar pleno partido. A Europa que Giulia, Pelin, Ana Vanessa, Daphne e tantas outras mulheres nunca poderão ver. É por elas que o faremos, por todas as que não podem falar e por todas as que virão depois de nós.

Sei que, juntos, deixaremos em legado uma Europa melhor do que aquela que encontrámos. Sei que, quando o mundo olhar para este Parlamento, verá uma instituição que defende os direitos,

que protege os jornalistas, que valoriza a liberdade e que sabe que representa um modelo da democracia em todo o mundo.

Há setenta anos, Alcide de Gasperi afirmou: «O desejo de unidade é uma constante ao longo da História. Falemos, escrevamos, perseveremos, nunca paremos para respirar; que a Europa continue a ser o nosso primeiro pensamento». Faço minhas as suas palavras – devemos tê-las sempre em mente no decurso desta legislatura.

Caros amigos, aprendemos que nunca podemos encarar a democracia como um dado adquirido. Constatámos que os nossos valores europeus são vistos por muitos como uma ameaça. Trata-se de um carimbo em nós apostado pelos autocratas e que, todavia, continuaremos a exhibir com orgulho.

A guerra de agressão da Rússia contra a soberania da Ucrânia permanece no topo das nossas prioridades. Quando a guerra eclodiu, desloquei-me a Kiev em vosso nome. Foi uma visita que deu novo ímpeto à nossa instituição e que lhe conferiu nova visibilidade e nova influência. Este Parlamento ajudou a trazer à ribalta política o imperativo de estar ao lado da Ucrânia e os nossos cidadãos contam connosco para manter essa luz acesa com a máxima intensidade possível.

Ser-nos-á pedido que façamos mais e temos de estar preparados para ir além do que é confortável e fazer o que é necessário. Fazemo-lo porque a Europa tem de defender a liberdade e a paz: uma paz verdadeira, alicerçada na justiça, na dignidade e na liberdade. Porque, na Europa, sabemos como sarar fraturas aparentemente impossíveis.

Deve ser essa também a filosofia que norteia a nossa reação ao conflito no Médio Oriente, onde, mesmo no tumulto da guerra, a nossa voz deve continuar a enaltecer a humanidade e a pugnar pelo fim do ciclo de violência intergeracional, por uma solução de dois Estados, por uma paz sustentável e pelo regresso dos reféns ainda detidos.

É essa a missão que nos guia ao assinalarmos o triste cinquentenário da divisão artificial de Chipre. Temos de ser a geração capaz de encontrar um caminho sob os auspícios do plano das Nações Unidas. Temos de virar finalmente esta página tão sombria na história da Europa graças a uma solução viável, em consonância com as resoluções do Conselho de Segurança e com os nossos valores europeus.

É a defesa da nossa humanidade comum que nos faz estar ao lado das mulheres que enfrentam perigos terríveis no Afeganistão; ao lado das raparigas e estudantes nas ruas do Irão; ao lado de Sviatlana Tsikhanouskaya, das pessoas injustamente encarceradas e do movimento por uma Bielorrússia livre e democrática; ao lado das corajosas raparigas iazidis, que continuam a travar uma luta corajosa; ao lado de Yulia Navalnaya, que se mantém inabalável; estamos ao lado de

todos quantos, pelo mundo inteiro, desafiam o gás lacrimogéneo que sobre eles cai enquanto erguem bem alto a nossa bandeira europeia.

É este o significado da Europa em todo o mundo. É este o Parlamento que o mundo vê – o Parlamento que todos temos tanto orgulho em servir. É esta a diplomacia parlamentar que será essencial na nossa defesa do multilateralismo e na preparação do alargamento da nossa União Europeia. Temos de estar preparados para estender a mão da Europa aos cidadãos da Ucrânia, da Moldávia e da Geórgia, que têm os olhos postos em nós, e a todos aqueles que, nos Balcãs Ocidentais, nos batem à porta há demasiado tempo, para que cada um deles trace o seu próprio caminho, seguindo uma abordagem baseada no mérito e que respeite os critérios necessários. Temos de estar preparados para enfrentar este novo mundo e esta nova realidade. E, juntos, estaremos preparados.

Estimados colegas, para renovar o nosso compromisso com a Europa – parafraseando esse grande santo europeu de Cracóvia, Karol Wojtyła – nada devemos temer. Não tenhais medo de fazer frente aos autocratas. Não tenhais medo de estar à altura da nossa promessa. Não tenhais medo de defender a Europa. Não tenhais medo de continuar a erigir uma União que funcione em benefício de todos nós.

Em 2016, Jonathan Sacks escreveu: «Está ao nosso alcance uma política de esperança. Mas, para a criar, teremos de encontrar formas de reforçar as famílias e as comunidades, de construir uma cultura de responsabilidade coletiva e de pugnar por uma economia do bem comum. Já não é uma questão de política partidária, pois o que está em jogo é a própria viabilidade da liberdade pela qual o Ocidente lutou tanto e durante tanto tempo. Temos de construir uma poderosa história de esperança que nos inspire a todos e não apenas a alguns, e o momento de começar é agora».

Caros amigos, cabe-nos agora dar continuidade à história desta nossa grande União. Cabe-nos inspirar as novas gerações de cidadãos europeus. Porque a Europa é esperança. A Europa é convicção. A Europa somos todos nós. A Europa continua a ser a resposta.

Vive l'Europe!